

Intolerância religiosa no Brasil do século XXI

Quando os iluministas propugnavam separar educação escolar e religião, deixaram claro também que a liberdade religiosa ser respeitada; que, entre os direitos do homem, também estava o de poder associar-se livremente a um credo.

Fala-se muito sobre intolerância religiosa no Brasil, porém existem intolerâncias de todas as partes, inclusive contra as religiões. O Estado deve ser laico, porém é interessante ressaltar que as escolas no Brasil tenham se erigido sob o poder da igreja católica, com o trabalho da Companhia de Jesus. Foram os jesuítas os primeiros a implementar aqui uma escola, ficando a educação sob domínio religioso até a expulsão deles pelo Marquês de Pombal, no século XVIII. Em que pese a laicidade do Estado, a Igreja católica contribuiu de maneira importante para a História da Educação brasileira.

No Brasil, a intolerância religiosa tem residido mais num plano ideológico, com alguns casos esporádicos de ataques, nada que se compare, por exemplo, à intolerância religiosa verificada em outros países, onde se mata e se morre por isso. A Igreja Católica tem se reinventado, abrindo-se pouco a pouco, embora o Papa Francisco, tido por alguns como uma pessoa de ideias liberais, tenha condenado, por exemplo, a ideia de que a criança pode escolher o seu gênero, tema caro a alguns vieses político-ideológicos; as diversas denominações evangélicas têm sido acusadas de tentar controlar os destinos do país, através da atuação, no congresso, da chamada “bancada evangélica”, tentando barrar, por exemplo, o avanço da discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas.

O caminho para o combate à intolerância é mais tolerância (que não se confunde com passividade, mas engajamento também não precisa se confundir com radicalismos); fogo não combate fogo. Para mais tolerância, mais educação em relação a valores, mais busca por diálogo. Que nenhum discurso se imponha a ferro e fogo, nem o religioso, nem o antirreligioso. O caminho do diálogo pode até ser mais espinhoso, mas sabemos muito bem aonde nos levam os caminhos “floridos” das soluções fáceis.